

O TRAUMA NA INFÂNCIA EM ADULTOS E A AUDIÇÃO DE VOZES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

THYLIA TEIXEIRA SOUZA¹; LIAMARA DENISE UBESSI²; LUCIANE PRADO KANTORSKI³

¹Universidade Federal de Pelotas – thyliatsouza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – liaubessi@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – kantorskiluciane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A audição de vozes é um fenômeno vivenciado por diversas pessoas com significados distintos que variam conforme o contexto sociocultural, valores e crenças. Além disso, essa experiência pode ser perturbadora e se estender por muito tempo (BARROS, SERPA JÚNIOR; 2014; BARROS, SERPA JÚNIOR, 2017).

Na Holanda o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes nasce no final da década de 80 com a premissa de que o problema não reside em ouvir vozes, mas na relação com as mesmas (CARDANO, 2018).

O modelo biomédico tradicional lida com esta experiência como algo que não considera os aspectos emocionais e sociais da vida de cada ouvindo. Ignora o fato de que ouvir vozes possui interfere de formas diferentes na vida de cada pessoa. Esse fenômeno é associado a sintomatologia de doenças mental, contudo, mesmo com os tratamentos que visam suprimir as vozes, as mesmas não cessam e até aumentam (FERNANDES, 2017).

Estudo de Corstens e Longden com 100 participantes que experimentaram em média de duas a cinco vozes angustiantes ou que causavam prejuízo social e ocupacional, constatou que 87% dos 100 participantes mostraram algum tipo de trauma pregresso a experiência de ouvir vozes (CORSTENS, LONGDEN, 2013).

O trauma tem relação com algo vivenciado pelo indivíduo que ao longo do tempo deixa marcas de um tempo passado e pode ser experimentado através dos sentidos, dentre eles, a audição (KLATAU, WINOGRAD, SOLLERO-DE-CAMPOS, 2016; CÂMARA, 2011).

Entretanto, ainda há lacunas de conhecimento na relação com a experiência da audição de vozes na relação com o trauma. Deste modo, este trabalho objetiva descrever pesquisas que apresentem a relação do trauma na infância com a audição de vozes em adultos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de uma revisão integrativa de literatura, a fim de contextualizar o conhecimento sobre a experiência de ouvir vozes e suas relações com os eventos traumáticos.

A bases de dados utilizadas para a pesquisa foram a PubMed (US National Library of Medicine National Institutes of Health), Scopus e Web of Science. As buscas foram feitas no período de maio a junho de 2019. Foi utilizado o descritor controlado “hallucinations” e não controlados “hearing voices” e “traumatic events”, com a utilização dos operadores booleanos “OR” e “AND”.

Como critérios de inclusão, foi utilizado um recorte temporal de 10 anos (2009 a 2019) e estudos nos idiomas português, inglês, espanhol. Como critérios



de exclusão, pesquisas que considerassem os descritores e/ou palavras-chaves com o significado de deficiência auditiva, fonoaudiologia, neurologia; estudos realizados com crianças; traumas relacionados a acidentes (traumatismos cranianos, lesões), outros tipos de alucinações, revisões e editoriais.

Foram encontrados o total de 141 estudos, sendo aplicados os critérios de seleção e exclusão, obtendo o resultado total de 13 artigos, sendo 5 artigos especificamente ao objetivo que se propõe esse trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados, foram discutidos cinco artigos que abordam a associação da audição de vozes com o trauma na infância.

Perona-Garcelán et al (2012), estudou a relação das vozes com as experiências relatadas na infância em 71 pacientes com diagnóstico psiquiátrico. Dentre os entrevistados, 45,1% relatou ter vivenciado traumas na infância. Os traumas mais prevalentes foram o abuso físico (49%) e o sexual (46,8%). Concluíram que o trauma na infância está associado ao um número maior de aparecimento de dissociações e audição de vozes, visto que os sujeitos acessam eventos particulares como pensamentos e memórias intrusivas.

O estudo de Misiak et al (2015) buscou investigar o trauma na infância e sua associação com a psicose e a incidência das mesmas. O trauma na infância autorrelatado pelos entrevistados, mostrou que os mesmos haviam experienciado um número maior de vozes, estas na 3ª pessoa do singular. Também a maior ligação do trauma com as vozes em tom abusivo ou acusatório e além disso, a sua relação com o abuso sexual com maior prevalência no sexo feminino.

Ao encontro do estudo anterior, uma pesquisa realizada com 318 universitários, sendo 79% do sexo feminino e 21% do sexo masculino, apresentou que 45% já haviam tido experiências traumáticas e que os indivíduos com mais vozes haviam vivenciado um número maior de traumas na infância, resultando em mais chances de possuírem a experiência de ouvir vozes do que os que não tinham nenhum trauma (PERONA-GARCELÁN et al, 2014).

A pesquisa realizada no Reino Unido por Connor e Birchwood (2012), buscou examinar as associações entre abuso e afiliação parental na infância, o poder das vozes, a percepção expressa pela emoção, depressão e ideação suicida. Mais da metade dos entrevistados (55,4%) estava moderadamente deprimido a partir do relato por meio da Escala de Depressão de Calgary para Esquizofrenia (CDSS).

Quanto aos traumas experienciados, 77% da amostra relatou sofrer negligência emocional, 65% negligência física, 62% abuso emocional, 47% abuso físico e 39% abuso sexual. Em meio a estes resultados, as mulheres relataram maior abuso emocional e sexual. Concluíram que o abuso emocional na infância estava relacionado ao maior poder das vozes e ao contrário, quando existia emoção e apoio dos pais, estava vinculado a maior conexão com suas vozes (CONNOR, BIRCHWOOD, 2012).

Um estudo comparativo com 127 sujeitos que ouviam vozes, 124 sujeitos saudáveis e 100 pacientes psiquiátricos que ouviam vozes, todos do sexo masculino, foram avaliados quanto ao trauma na infância. Os achados evidenciam que as prevalências de trauma na infância entre os grupos não foram muito discrepantes. O grupo de sujeitos que ouviam vozes a prevalência de abuso físico foi de 14,3%, abuso sexual 29,9%, negligência emocional 35,4%, negligência física 22% e abuso emocional 31,7%. Com relação ao grupo de pacientes psiquiátricos que ouviam vozes, a prevalência de abuso físico foi de 12%, abuso

sexual 32%, negligência emocional 23%, negligência física 19% e abuso emocional 27%. Com relação a comparação com os sujeitos saudáveis, o abuso físico teve a prevalência de 2%, abuso sexual 12%, negligência emocional 21%, negligência física 13% e abuso emocional 6% (DAALMAN et al, 2012).

Por outro lado, em relação às características das vozes, os dois grupos tiveram alguns resultados diferentes. Para o grupo psiquiátrico, as vozes tinham a frequência de pelo menos uma vez por hora enquanto para o grupo de ouvintes era pelo menos uma vez ao dia; quanto a duração, o grupo psiquiátrico ouvia por pelo menos uma hora enquanto o outro apenas por alguns minutos. A localização das vozes foi igual para ambos os grupos, sendo fora da cabeça, perto das orelhas e dentro da cabeça (DAALMAN et al, 2012).

4. CONCLUSÕES

É possível concluir com esta revisão integrativa, que o trauma na infância têm relação com a experiência de pessoas que ouvem vozes. Também há a carência de estudos em outros idiomas e qualitativos, pois nesta revisão foram encontrados somente estudos na língua inglesa e quantitativos.

Ainda, é perceptível que a psiquiatria tradicional é um modelo de tratamento muito forte, no qual a maioria dos estudos foi centrada. Desse modo, o entendimento sobre a experiência da audição de vozes bem como a sua relação com o trauma apresentam importantes pistas, a partir das quais é possível criar condições para que o sujeito possa se apropriar das suas experiências, resignificando-as, a fim de transformar estas vivências que frequentemente lhe geram sofrimento, no caso, os traumas na infância e a vozes decorrentes dos mesmos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, OC; SERPA JÚNIOR, OD. Hearing voices: a study on exchanges of experiences in a virtual environment. **Interface (Botucatu)**, v.18, n.50, p.557-69, 2014.
- BARROS, OC; SERPA JÚNIOR, OD. Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. **Physis**, v.27, n.4, p.867-888, 2017.
- CARDANO, M. O movimento internacional de ouvintes de vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. **J. nurs. Health**, v.8, n,esp, 2018.
- FERNANDES, HCD. Alucinação Auditiva: Sintoma de doença ou possibilidade de ser do-ente? **Polémos**, v.6, n.12, p.48-68, 2017.
- CORSTENS, D; LONGDEN, E. The origins of voices: links between life history and voice hearing in a survey of 100 cases. **Psychosis**, v.5, n.3, p.270-285, 2013.
- KLAUTAU, P; WINOGRAD, M; SOLLERO-DE-CAMPOS, F. Do traumático ao trauma: a lógica do presente permanente. **Psicologia em Revista**, v.22, n.3, p.613-635, 2016.
- CÂMARA, G. O trauma, a fantasia e o Édipo. **Cógito**, n.12, p.57-61, 2011.
- PERONA-GARCELÁN, S; CARRASCOSO-LOPEZ, F; GARCÍA-MONTES, JM; DUCTOR-RECUERDA, MJ; JIMÉNEZ, AML; VALLINA-FERNÁNDEZ, O, ET AL. Dissociative experiences as mediators between childhood trauma and auditory hallucinations. **J Trauma Stress**, v.25, n.3, p.323-9, 2012.
- MISIAK, B; MOUSTAFA, AA; KIEJNA, A; FRYDECKA, D. Childhood traumatic events and types of auditory verbal hallucinations in first-episode schizophrenia patients. **Comprehensive Psychiatry**, n.66, p.17-22, 2015.
- PERONA-GARCELÁN, S; GARCÍA-MONTES, JM; RODRÍGUEZ-TESTAL, JF; LÓPEZ-JIMÉNEZ, AM; RUIZ-VEGUILLA, M; DUCTOR-RECUERDA, MJ, et al.



Relationship Between Childhood Trauma, Mindfulness, and Dissociation in Subjects With and Without Hallucination Proneness. **Journal of Trauma and Dissociation**, v.15, n.1, p.35-51, 2014.

CONNOR, C; BIRCHWOOD, M. Abuse and dysfunctional affiliations in childhood: an exploration of their impact on voice-hearers' appraisals of power and expressed emotion. **Psychosis**, v.4, n.1, p.19-31, 2012.

DAALMAN, K; DIEDEREN, KMJ; DERKS, EM; VAN LUTTERVELD, R; KAHN, RS; SOMMER, EC. Childhood trauma and auditory verbal hallucinations. **Psychological Medicine**, v.42, n.12, p.2475-2484, 2012.